


---

**LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

---

**JÉSSICA DE OLIVEIRA SANTOS**

**PERSPECTIVAS HISTÓRICAS SOBRE O FRACASSO ESCOLAR: UMA  
ANÁLISE DO INSUCESO DAS CLASSES POPULARES**



Rio Claro  
2018

JÉSSICA DE OLIVEIRA SANTOS

PERSPECTIVAS HISTÓRICAS SOBRE O FRACASSO ESCOLAR: UMA ANÁLISE  
DO INSUCESSO DAS CLASSES POPULARES

Orientadora: Profa. Dra. Andréia Osti

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Biociências da Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -  
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de  
Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro  
2018

S237p Santos, Jéssica de Oliveira  
Perspectivas históricas sobre o fracasso escolar :  
uma análise do insucesso das classes populares /  
Jéssica de Oliveira Santos. -- Rio Claro, 2018  
39 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura -  
Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista  
(Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro  
Orientadora: Andreia Osti

1. Fracasso escolar. 2. Classes populares. 3.  
Insucesso. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.  
Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo  
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Dedico esse trabalho ao meu querido esposo Darlan, por me apoiar e incentivar em todos os momentos da minha vida e a minha querida mãe, mulher guerreira que lutou muito para que eu pudesse chegar a cursar uma Universidade Pública. Amo vocês!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao meu Deus pela vida e por sua graça e amor de pai incondicional. Não seria possível terminar essa caminhada sem ti.

Á meu querido esposo Darlan que posso contar sempre, e que me ensina a ser melhor todos os dias, obrigado pelos incentivos, apoio, paciência, carinho e por sonhar junto comigo.

Agradeço imensamente a minha mãe Gilcelia por batalhar para que eu e meus irmãos concluísse os estudos. Sei que deixou de realizar muitos dos seus sonhos para realizar os nossos, e por isso, quero deixar minha eterna gratidão por ser quem és: guerreira, virtuosa, companheira e a melhor mãe do mundo! Espero poder ajudá-la também a realizar todos seus sonhos.

Aos meus irmãos: Juliana, José, Jeová, Jaqueline e Joseane por não medirem esforços para me ajudar quanto preciso, e por todos as conversas risadas e companheirismo de sempre. Em especial também agradeço ao meu pai que também, não poupou esforços para que eu chegasse até aqui.

A toda minha família eu quero deixar minha eterna gratidão por orarem por mim, pelos abraços, consolos e por sempre me ajudarem a seguir em frente. Compartilhar mais essa etapa com as pessoas que amo é de uma alegria sem tamanho.

Gostaria de expressar minha admiração e gratidão à minha orientadora, profa. Andreia Osti que apesar das dificuldades que tivemos no começo, não desistiu de mim, e com paciência e dedicação me ajudou a realizar esse trabalho. Obrigado pela parceria e por ter contribuído em minha formação profissional.

A todas as minhas amigas da Moradia Estudantil da Unesp, em especial a Jamile, Juliana, Flávia, Taís e a Lília. Obrigado por tornarem essa jornada mais leve. Não poderia deixar de mencionar as minhas amigas de curso Giovana, Sandra e Adrielle pelas experiências compartilhadas e parceria nesses quatro anos. E as minhas amigas de longe: Vanessa, Bárbara e Silvia, gratidão por suas amizades!

Enfim, agradeço a todos os professores (as) das Unesp de Rio Claro e aos funcionários por contribuírem positivamente para minha formação.

“A cultura da excludência instalou-se na espinha dorsal da organização escolar. Sem uma revisão profunda dessa ossatura, dificilmente poderemos pensar numa cultura do sucesso. ”

(Miguel Arroyo)

## RESUMO

O fracasso escolar das classes populares é uma realidade presente desde quando o acesso à educação foi garantido, por lei, a essa nova clientela. As produções científicas que abordam esse assunto apontam para diversas concepções teóricas, em relação às causas atribuídas ao fracasso das camadas pobres. Diante da urgência, frente à essa problemática que assombra, tanto educadores, quanto governo e coletividade, a presente pesquisa tem como objetivo compreender o que leva as crianças pobres ao fracasso escolar, mediante ao que está exposto na literatura nacional nos últimos cinco anos. Utilizando-se a metodologia bibliográfica de natureza qualitativa, o estudo irá se realizar, por meio da coleta de artigos publicados na base da Scielo, nos últimos cinco anos, de 2013 a 2017, verificando as perspectivas presentes nessas pesquisas sobre o fracasso das classes populares.

**Palavras-chave:** Fracasso escolar. Classes populares. Insucesso.

## **ABSTRACT**

The school failure of the working classes has been a present reality since when access to education was guaranteed by law to this new clientele. The scientific productions that approach this subject point to diverse theoretical conceptions, in relation to the causes attributed to the failure of the poor layers. Faced with the urgency, facing this problem that haunts both educators, government and collectivity, this research aims to understand what leads poor children to school failure, through what has been exposed in the national literature in the last five years. Using the bibliographic methodology of a qualitative nature, the study will be carried out, through the collection of articles published in Scielo's database in the last five years, from 2013 to 2017, verifying the perspectives present in these surveys on the failure of the popular classes.

Keywords: School failure. Popular Classes. Failure.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS SOBRE O FRACASSO ESCOLAR</b> .....	14
<b>3 A ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA – UM POUCO DE SUAS RAÍZES HISTÓRICAS</b> .....	19
<b>3.1 O papel da escola e da educação</b> .....	24
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	27
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o fracasso escolar é um dos problemas educacionais que desde o início do século XX, tornou-se um dos temas mais estudados, como aponta Forgiarini e Silva (2008) devido aos dilemas que foram surgindo no contexto escolar, em relação a não aprendizagem, evasão e repetência, quando do acesso à escola pelas classes populares. Esse acesso, conquistado pelos trabalhadores (FORGIARINI, SILVA, 2008), e garantido por lei através da Constituição Federal de 1988, pela LDB 9394/96 e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), possibilitou, ao menos em teoria, uma educação que fosse de todos e para todos. Entretanto, na prática, os estudos (ARROYO, 2000; FREITAS, 2004 PATTO,1990) apontam que as instituições escolares da maneira pela qual estão configuradas, apenas têm promovido a seletividade do ensino e a não qualidade deste para todos. Para Arroyo (2000), a nossa cultura escolar é fortemente excludente e seletiva. É preciso uma educação que além de garantir o acesso, possa também, permitir a permanência e o sucesso de todos os alunos/as nas instituições escolares.

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP, 2016) evidencia que a taxa de não aprovação (soma das taxas de reprovação e abandono), aumenta conforme avança os anos subsequentes de escolarização, sendo que no 3º ano, etapa final de ciclo de alfabetização, e nos anos finais do fundamental e início do ensino médio, o risco de insucesso é maior. No 3º ano, 11,5% dos alunos, foram reprovados, já no 6º ano, temos uma taxa de reprovação em 17,1%, e nos iniciais do ensino médio, essa taxa eleva-se, em 27,4%.

Os novos resultados publicados em 2017 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), corrobora para evidenciar que o fracasso escolar nas escolas públicas continua sendo um problema ainda não solucionado. Os dados revelaram que 12,9% e 12,7% dos alunos matriculados no 1º e 2º ano do Ensino Médio evadiram da escola entre os anos de 2014 e 2015. O 3º ano do ensino médio obteve 6,8% de taxa de evasão escolar, e o 9º ano do ensino fundamental com 7,7 % ficou com a terceira maior taxa de evasão. A somatória de todas as evasões no Ensino Médio em todas as três etapas de ensino 1º, 2º e 3º ano, conforme o Censo Escolar

chega a 11,2 %, no total de alunos que por algum motivo abandonaram a escola nessa etapa de ensino.

Ainda sobre os resultados desse Censo Escolar de 2017, os resultados evidenciaram que a evasão escolar é maior nas escolas rurais em todas as etapas de ensino, sendo que o Pará é o estado com o maior índice de evasão escolar em todos os anos consecutivos de ensino. Em relação a repetência o 1º ano do ensino médio tem uma taxa de insucesso de 15,3% e no 6º ano do ensino fundamental essa taxa fica em torno de 14,4%. Podemos observar através desses dados, que o fracasso escolar persiste na educação brasileira, não sendo algo do passado, mas vívido, que corrobora para o insucesso dos educandos nos dias atuais.

Em 2010, segundo o “Censo Demográfico” (UNICEF, 2014, p. 10), 3,8 milhões de crianças e adolescentes de 4 a 17 anos de idade, estavam fora da escola. E vários são os motivos para tal realidade, elucidado nesse mesmo Censo, como questões socioeconômicas, culturais, étnicas etc, sendo que, os mais atingidos por esse problema social, são as classes populares, principalmente negros (UNICEF, 2014, p. 34).

A partir do que foi elucidado, vários questionamentos em relação as perspectivas históricas sobre o fracasso escolar foram surgindo, para tentar compreender por que as crianças das classes populares fracassam. Nesse sentido, objetiva-se neste trabalho, compreender o que leva as crianças pobres ao fracasso escolar, tendo como objetivos específicos, reunir e analisar um conjunto de informações disponíveis em nível nacional sobre a temática, por meio de um levantamento bibliográfico dos últimos cinco anos (2013-2017), e em seguida, foi realizado uma discussão em relação aos resultados encontrados para se ter uma visão geral sobre o fracasso escolar, especificamente das classes populares aqui no Brasil.

O interesse diante dessa problemática, é decorrente, num primeiro momento, pela minha vivencia enquanto aluna do fundamental, pobre, de escola pública da periferia, tendo diversas vezes presenciado o fracasso de colegas e amigos e, por não dizer também, o meu próprio fracasso em relação a não aprendizagem de algumas áreas do conhecimento; falas de professores, que me culpabilizavam tanto quanto meus pais, em relação a minha dificuldade em matemática, por exemplo.

Ao entrar na Universidade, em 2015, no segundo ano de graduação, tive a oportunidade de participar do projeto de extensão “Formação de Professores para o

Atendimento Educacional Especializado a Alunos com Dificuldade de Aprendizagem”, orientado pela professora Dra. Andréia Osti. Criado desde 2013, o projeto permite na prática e na teoria, compreender a realidade dos alunos com dificuldades de aprendizagens. Foi por meio desse projeto, que pude ter um maior aprofundamento sobre essa temática. Cada discussão, reuniões, reflexão, visitas e ensino aos alunos com dificuldades, influenciaram para que eu buscasse enveredar rumo ao encontro desse tema de pesquisa, que é tão antigo, mas que ainda perdura na educação brasileira – o fracasso escolar. Acredito que essa interface entre teoria e prática, da qual o projeto possibilita, contribui para que minha formação enquanto futura professora, seja construída, e (re) construída de maneira mais humana, reflexiva e crítica, possibilitando assim, para minha identidade profissional, um melhor aprimoramento da minha ação pedagógica, que irá auxiliar esses educandos com “mau êxito” ao sucesso escolar. Assim como diz Osti,

A formação do professor ocorre no âmbito acadêmico e na prática escolar. O primeiro propicia ao docente uma gama de conteúdos e a visão de diversas correntes teóricas em suas dimensões pedagógicas, filosóficas, políticas, psicológicas, dentre outras. A segunda fornece ao professor não apenas o meio no qual seus conhecimentos serão aplicados, testados e desenvolvidos, mas também lhe confere a legitimidade do título, ou seja, é na escola que o professor se constrói como profissional, se reconstrói e se modifica ao longo de sua carreira (OSTI, 2015, p.85).

Em relação à prática, vivencio a realidade de algumas crianças, do Ensino Fundamental I, que possuem dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita. Esses alunos do terceiro ano, da qual faço atendimento, ainda não estão alfabetizados; apresentam muita dificuldade na leitura, assim como, não conseguem identificar/diferenciar o som das letras ou escrever, palavras, com sílabas simples. São alunados, que têm baixa autoestima, e culpabilizam-se, pelo fracasso nessa área. Ao vivenciar, novamente, agora não mais como aluna, que sofreu ação, mas sim, como a educadora em formação, que na ação, percebe o malogro dos alunos periféricos, que convivem continuamente com essa triste realidade, vejo que nossas histórias se cruzam, desvelando o dilema do fracasso escolar, como um problema persistente e inconcluso. Assim, como sofri, com meu fracasso em matemática, esses educandos também sofrem com suas dificuldades em leitura e escrita, tão essencial para exercer a cidadania e humanizar-se.

Para auxiliar essas crianças, na superação e no sucesso ainda que parcial, das mesmas, por meio de visitas semanais a uma escola municipal, todas as segundas-feiras, com uma hora e meia de duração, levo atividades que possam contribuir para redução dessas dificuldades, as quais sofrem os alunos dessa e de demais escolas que têm parceria com o projeto. Na parte teórica, discutimos em grupo sobre os aspectos que levam ao fracasso, práticas que favorecem o sucesso, entre outros temas, pensando sempre na melhoria do processo de ensino-aprendizagem dos educandos que ainda não se alfabetizaram.

Essa pesquisa, sendo qualitativa e de revisão bibliográfica se fundamenta em Bogdan e Biklen (1994) que explicam que a perspectiva qualitativa possui cinco aspectos principais, da qual eles destacam: o ambiente natural, que é a fonte direta para coleta dos dados; o investigador como principal instrumento; é uma pesquisa descritiva, o foco está no processo e não no produto final; os dados são analisados em geral de modo indutivo e, por fim, a produção desse tipo de pesquisa, traz um significado relevante ao problema estudado. Ainda sobre a pesquisa científica, a linguagem formal e normatizada, são procedimentos importantes para elaborar esse tipo de pesquisa, que busca através de teorias, métodos, hipóteses, compreender a partir de conhecimentos existentes, os fenômenos da qual se pretende estudar.

A partir disso, a escolha da metodologia para o desenvolvimento desse trabalho, pautou-se na pesquisa bibliográfica, que segundo Lima e Miotto (2007), esse tipo de pesquisa fundamenta teoricamente o objeto a ser investigado, assim como, também contribui com novos elementos que servirão para futuras análises do objeto estudado.

A escolha da metodologia adequada para o tipo de pesquisa que se pretende realizar, é essencial, pois é ela quem “[...] inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador” (MINAYO, 2001, p.16). Nesse sentido, a metodologia é “[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 2001, p.16).

A pesquisa bibliográfica é realizada para fundamentar teoricamente um objeto de estudo, possibilitando futuras análises dos dados coletados. Diferente da revisão bibliográfica que busca a observação dos dados de maneira simples, sem grandes aprofundamentos, a pesquisa bibliográfica, analisa os dados teoricamente, de modo

que, criticamente, compreenda os significados existentes. No entanto, é comum, a pesquisa bibliográfica ser confundida com a revisão bibliográfica, pois,

[...] falta compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo e que, por isso, não pode ser aleatório (LIMA; MIOTO, 2007, p.38).

Na pesquisa bibliográfica também, existem procedimentos que precisam ser seguidos pelo pesquisador, para utilização desse tipo de metodologia como:

a) escolha do tema; b) levantamento bibliográfico preliminar; c) formulação do problema; d) elaboração do plano provisório de assunto; e) busca das fontes; f) leitura do material; g) fichamento; h) organização lógica do assunto; e i) redação do texto (GIL, 2002, p.59-60).

O levantamento bibliográfico, é a busca por informações pertinentes ao tema estudado. Segundo Cunha (2001), quando já se sabe qual a temática a ser abordada, é necessário definir a fonte a ser utilizada. No caso desse trabalho, a fonte utilizada foi o banco de dados do Scientific Electronic Library Online (SciELO), para a coleta de artigos científicos dos últimos cinco anos. Posteriormente ao término do levantamento bibliográfico, o material coletado foi analisado a partir dos seguintes critérios: local e tipo da pesquisa, ano de publicação, tipo de revista, objetivos, resultados e discussões, permitindo assim, um aprofundamento sobre os dados coletados. Após as análises, os trabalhos mais relevantes foram selecionados para compor essa pesquisa.

Entende-se que essa pesquisa, irá contribuir ao entendimento das possíveis causas para o fracasso escolar das camadas populares, e assim, possibilitar maiores reflexões acerca dessa problemática, que impede a formação plena dos educandos.

O presente trabalho, está estruturado em quatro seções. Portanto, nessa parte primeira parte, trago alguns dados referentes ao fracasso escolar e comento sobre a definição do mesmo. Na segunda seção, discorro acerca das perspectivas antigas e atuais em relação ao fracasso escolar, a partir de alguns teóricos. Trago alguns dados que corroboram para evidenciar que o fracasso ainda persiste e não deixou de ser algo do passado. Na terceira seção apresento historicamente as

raízes da educação pública brasileira, utilizando como aporte teóricos pesquisadores, como: Romanelli (2005), Ribeiro (2007), Saviani (2008) entre outros. Posteriormente abordo o papel da escola e da educação brevemente, para evidenciar as raízes históricas para o fracasso escolar.

Na quarta seção apresento os resultados dos artigos encontrados na Scielo nos últimos cinco anos (2013-2017), e em seguida, há uma discussão para evidenciar o que nessas pesquisas se pode inferir sobre as causas do fracasso escolar das camadas populares. Por fim, finalizo com as considerações finais abordando de modo geral a pesquisa e o que se pode concluir a partir dos trabalhos encontrados.

## 2 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

O fracasso escolar das classes populares é uma realidade inegável; dados estatísticos indicam, seja pelas “provinhas” aplicadas aos estudantes do ensino fundamental e médio, seja pelos dados referentes à evasão e repetências desses alunos, que estes fracassam por não aprenderem, pelo abandono, repetência, e por não dizer também, por nem adentrar as escolas. Segundo Ferreira (1998), a palavra fracasso pode ser entendida como uma desgraça, mau êxito e, no caso do fracasso na educação, refere-se então, ao mau êxito dos alunos nessas instituições, seja pelas não habilidades/competências adquiridas em seu processo de desenvolvimento, evasão e reprovação escolar.

Embora o ensino público brasileiro tenha melhorado significativamente, se comparado a antigamente, todavia, sabemos que a muito a ser feito ainda em relação a qualidade desse ensino, como podemos ver no Relatório de Monitoramento de Educação para todos de 2015, organizado pelo UNESCO, que a taxa de reprovação no Brasil está em torno de 18,7%, evidenciando, deste modo, que um em cada cinco estudantes acabam por refazer o ano letivo novamente.

Apesar do fracasso escolar, ser um tema muito estudado desde a democratização do ensino, quando a escola pública passa a se universalizar, as perspectivas em relação ao fracasso dos alunos, é marcado por concepções teóricas diferentes.

Num primeiro momento, temos as concepções advindas da Psicometria, que tenta explicar através das características dos indivíduos, a culpa pelo fracasso. Os testes de diagnósticos mensuravam a capacidade intelectual dos alunos, conferindo aos resultados, o normal e o patológico (PATTO, 1990). Conforme essa mesma autora:

[...] a psicologia veio contribuir para a sedimentação dessa visão de mundo, na exata medida em que os resultados dos testes de inteligência, favorecendo via de regra os mais ricos, reforçavam a impressão de que os mais capazes ocupavam os melhores lugares sociais. (PATTO, 1990, p.64).



Na década de 70, temos uma forte influência da Teoria da Carência Cultural, originada nos Estados Unidos, e amplamente difundida e aceita aqui no Brasil, pois conforme Patto esta teoria,

[...] continha uma visão de sociedade não negadora do capitalismo; atendia aos requisitos da produção científica, tal como era predominantemente definida nesta época; vinha ao encontro a crenças arraigadas na cultura brasileira a respeito da incapacidade de pobres, negros e mestiços; reforçava as 'explicações do Brasil', então em vigor, segundo as quais o subdesenvolvimento econômico mergulhara(...) (PATTO,1990, p.94).

A partir então, a explicação para o fracasso escolar deixa de serem marcadas e questionadas pelo viés biológico, onde as causas do fracasso escolar eram atribuídas principalmente a fatores genéticos, raciais e hereditários. Nessa época as explicações para o insucesso dos estudantes ficaram em torno dos fatores culturais. Todavia, ainda com a mesma ideia de culpabilização do indivíduo e da família. Essa teoria entende que o fracasso escolar das classes populares é devido a privação cultural decorrente da situação socioeconômica da qual se encontram. É diante dessas explicações que surgiu os programas de educação compensatória, que tinha como objetivo capacitar as crianças que vinham de um ambiente familiar considerado deficiente culturalmente, para assim, conseguirem atender as exigências das escolas.

A educação compensatória preventiva tem por objetivo impedir que o ambiente em que a criança se desenvolve produza as consequências negativas que costuma produzir. Neste sentido, a educação pré-primária seria utilizada como um "antídoto" às influências nefastas dos ambientes pobres de estimulação cognitiva (PATTO, 1990, p. 61).

Posteriormente, temos a influência da Teoria da Diferença Cultural, onde tenta-se justificar o fracasso dos alunos pobres por meio da desigualdade cultural entre a classe pobre e média alta. Além do que, o que é proposto pela escola e sociedade, para os alunos pobres, difere culturalmente daquilo que ele vive (PATTO,1990).

Ao entrar na escola, os alunos das classes populares não acompanham, assim, como não aprendem, pois, as escolas reproduzem a norma social vigente, não conseguindo lidar com essas desigualdades culturais. De acordo com Patto

(1990, p.340) a escola "(...) ensina segundo modelos adequados à aprendizagem de um aluno ideal".

A partir do estudo de Gatti, Silva e Esposito (1990), o estigma atribuído tanto ao aluno, quanto a família, devido ao déficit cultural, começa a ser problematizado, proporcionando uma nova perspectiva, que busca entender o fracasso, por meio de uma relação educativa, em que são observadas as dimensões que geram dificuldades, dentro das instituições escolares. Seu estudo trouxe, à tona, as questões sociais e institucionais que produzem o fracasso. Segundo Patto (1990): “É nas tramas do fazer e do viver o pedagógico cotidianamente nas escolas, que se pode perceber as reais razões do fracasso escolar das crianças advindas de meios socioculturais mais pobres”.

Martinelli e Sisto (2006) relatam que na década de 90, as pesquisas sobre o tema fracasso dos escolares, abordavam em sua maioria, os aspectos do fracasso relativos à evasão e repetência. Na atualidade, segundo esses mesmo autores, a discussão gira em torno do analfabetismo, já que diversas crianças chegam ao terceiro e quarto ano do ensino fundamental, sem saberem ler e escrever. Apesar dos estudos publicados referentes à não culpabilização das classes populares, em relação ao seu insucesso, infelizmente ainda hoje, na prática justifica-se o fracasso do sujeito, por meio das suas características sociais, culturais e econômicas. Outros autores, como, por exemplo, Collares (1989) abordava o descaso do governo com a educação que, conseqüentemente, influenciava no insucesso do alunado.

Para Bertagna (2003), principalmente nos anos iniciais de escolarização, as políticas públicas para o acesso e a permanência dos alunos nas escolas públicas, têm sido um desafio constante para o governo. Além do que, a ampliação de vagas não foi suficiente para possibilitar melhoria no ensino. Ainda segundo a autora, a escola não se responsabiliza pelo fracasso e, com um falso discurso de “igualdade de oportunidades”, atribui para os educandos a responsabilidade pelo seu sucesso na escola.

As perspectivas contemporâneas sobre o fracasso escolar, representadas por Osti (2010, 2012), Mattos (2012), Gil (2009) e Nutti (2009), buscam compreender os vários fatores presentes no processo de ensino e aprendizagem, que possibilite o sucesso dos alunos das classes populares. As concepções atuais enfatizam a importância das características individuais dos alunos, assim como as do ambiente,

para a melhoria da educação e conseqüentemente, do sucesso dos alunos (OSTI, 2012).

Começa-se a preconizar o conceito de afetividade, como um recurso, que ajuda nas reflexões frente à problemática de insucesso vivenciadas principalmente pelas classes populares (MATTOS, 2012). Para Gil (2009), as relações sociais, vivenciadas dentro da sala de aula, por ser um ambiente social, dependendo de como essas relações são estabelecidas, influenciam positivamente ou negativamente no desenvolvimento dos educandos. Alguns outros autores, assim como Osti (2010) Mattos (2012) e Nutti (2009) também corroboram com a importância dos aspectos afetivos para o sucesso ou fracasso dos estudantes nas escolas.

A importância do educador na vida dos escolares, nas perspectivas atuais, é essencial, pois o mesmo é visto como um agente transformador. Não é apenas aquele que ensina os saberes sistematizados, exerce uma ação política, de formação de sujeitos. Segundo Castro (2004) todo processo de aprendizagem tem como base a relação professor e aluno, sendo essencial essa relação está constituída de trocas de conhecimento, conteúdos e afeto.

Atualmente, o que se busca hoje, não são culpados para o fracasso escolar das camadas populares, e sim, conforme Collares e Moysés (1996), busca-se soluções efetivas para a situação problemática da qual se encontra a educação brasileira:

Centrar as causas do fracasso escolar em qualquer segmento que, na verdade, é vítima, seja a criança, a família, ou o professor, nada constrói, nada muda. Imobilizante, constitui um empecilho ao avanço das discussões, da busca de propostas possíveis, imediatas e, a longo prazo, de transformações da instituição escolar e do fazer pedagógico” (COLLARES e MOYSÉS 1996, p.217).

Essas perspectivas novas, apesar de estarem contribuindo para um novo olhar para refletir sobre o fenômeno fracasso escolar e suas conseqüências, não se limitando a um único fator de causalidade que favorece esse insucesso nas classes populares, ainda sim, sabemos que a muito a ser feito, pois conforme Bossa (2002),

No Brasil, a escola torna-se cada vez mais o palco de fracassos e de formação precária, impedindo os jovens de se apossarem da herança cultural, dos conhecimentos acumulados pela humanidade e, conseqüentemente, de compreenderem melhor o mundo que os

rodeia. A escola, que deveria formar jovens capazes de analisar criticamente a realidade, a fim de perceber como agir no sentido de transformá-la e, ao mesmo tempo, preservar as conquistas sociais, contribui para perpetuar injustiças sociais que sempre fizeram parte da história do povo brasileiro (BOSSA, 2002 p.19).

Portanto, percebe-se que o fracasso escolar é uma construção social, e sua produção envolve diversos aspectos, sejam eles sociais, políticos, culturais e históricos, que precisam ser analisados para melhor compreensão e aprofundamento sobre este fenômeno, que assombra tanto educadores, quanto governo e a sociedade em geral, pois conforme os dados revelaram há uma persistência desse malogro nas escolas brasileiras, que inviabiliza o sucesso dos estudantes pobres em algum momento de sua trajetória escolar.

### **3 A ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA – UM POUCO DE SUAS RAÍZES HISTÓRICAS**

Para além das causas atribuídas ao fracasso escolar historicamente, mencionadas na seção anterior, é preciso entendermos, como a escola pública brasileira foi se constituindo enquanto uma instituição excludente e seletiva, que privilegia um certo tipo de ensino, voltada exclusivamente para a classe dominante. Conforme Patto (1990) ressalta, a escola pública é uma instituição tipicamente da sociedade capitalista, ou seja, que atende apenas aos interesses das minorias ricas.

Desde os primórdios do desenvolvimento da educação no Brasil, o acesso as instituições escolares eram restritas a poucos. Isso porque a escravidão e o descaso dos governantes segundo Pinto (2014), impossibilitava maiores desenvolvimento da educação.

A partir da Revolução Francesa (1789) e da Revolução Industrial (1780) temos uma nova configuração econômica, política, cultural e social, marcada pela ascensão da classe social burguesa e do modo de produção capitalista, da qual resultou em profundas mudanças em diversos países que aderiram as novas ideias iluministas, da qual, se apregoava a crença no poder da razão e da ciência, a busca pela liberdade e igualdade dos indivíduos frente ao controle do Estado. As escolas nos países industrializados irão se pautar nas novas ideias advindas do iluminismo, e a busca por uma educação pública, universal de qualidade são requisitos exigidos pelos revolucionários dessa época.

Todavia no Brasil, de acordo com a historiadora Romanelli (2005), as Colônias, estabelecidas nas grandes propriedades rurais escravocratas, tinha um caráter unicamente seletivo. Reservando apenas aos donos de terras, o acesso à educação. Nessa época, a educação era ministrada pelos jesuítas, e o ensino pautava-se unicamente, em oferecer aos filhos dos senhores de terras, uma cultura básica, escolásticas, literária e autoritária.

Com o crescimento econômico e com a independência política brasileira, conquistada em 1822, algumas mudanças prementes no ensino foram possíveis, pois o acesso à educação não ficou restrito a alta elite da época, passou a englobar uma nova camada social, conhecida com a classe média. Porém, Romanelli (2005) enfatiza que o tipo de ensino oferecido ainda era o mesmo.

Foi somente a partir de 1930 com a Revolução Industrial, em que se instalou no Brasil o capitalismo, que o ensino vai se “modificando”, pois, a burguesia da época em ascensão, reivindicavam uma expansão do sistema escolar, já que o novo sistema econômico, demandava uma formação de obra especializada e qualificada. De fato, de acordo a historiadora supracitada acima, a ampliação da oferta do ensino, pelo Estado, partiu de uma demanda social, em busca ascensões maiores no mercado e na política brasileira. Contudo apesar de ampliar a demanda de oferta de vagas educacionais, o sistema continua seletivo, com altas taxas de repetência e evasão, devido ao seus métodos tradicionais e avaliações excludentes. Baseada em uma educação aristocrática, livresca e acadêmica, tinha como critérios avaliativos a retenção de maiores quantidades de informações, o que tornava o ensino vazio de significados para a maioria da população das camadas populares, pois esses conhecimentos eram distantes da realidade dos educandos (ROMANELLI, 2005).

Nesse contexto, temos a valorização da escola para a formação do Estado e da Sociedade, e no que se concerne a políticas educacionais a Constituição Brasileira trouxe em seu art. 128:

[...] mantém a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primário instituído, em caráter obrigatório, o ensino de trabalhos manuais em todas as escolas primárias, normais e secundárias, e, sobretudo, dá providências ao programa de política escolar em termos do ensino pré-vocacional e profissional que se destina às “classes menos favorecidas e é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado” (RIBEIRO, 2007, p. 129).

Segundo Ribeiro (2007) o capitalismo industrial trouxe novos objetivos para a educação, pautados exclusivamente para atender à demanda do mercado. Melo (2005) enfatiza alguns pontos importantes em relação a expansão educacional e ao estado novo.

Em 1930 foi criado o Ministério da Educação e Saúde.  
Em 1934 a nova Constituição Federal declara, pela primeira vez, a educação como um direito de todos,  
E, em 1937, houve acontecimentos que interromperam o crescimento positivo da educação, mas isso não impediu que ocorresse um impulso na formação do Magistério.

No período de 1932 a 1947 a igreja católica tenta resistir a novas propostas educacionais, pois conforme Ribeiro (2007).

Do ponto de vista pedagógico, a Igreja Católica acusa a escola pública de ter condições de desenvolver somente a inteligência e, enquanto tal instrui, mas não educa. Ela não tem “uma filosofia integral de vida”. A resolução do “problema do homem, das suas origens e dos seus destinos” só poderá vir através da “solução religiosa da existência humana” (RIBEIRO, 2007, p. 166).

O Estado e a Igreja estabelecem uma aliança, para conter o avanço do movimento operário nas décadas de 1920 e 1930. O então, ministro Francisco Campos em 1931, estabelece alguns decretos, onde consta o restabelecimento do ensino religioso nas escolas públicas (SAVIANI, 2010, p. 196). Após a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação em 1932, a Igreja e os defensores da escola nova entram em crise.

A pedagogia nova avança com seus ideais de renovação educacional e em 1947 participam da comissão para elaboração da Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional. Entretanto, apesar de ser um projeto de melhoria para a educação, o escolanovismo estava muito mais focado em evidenciar as problemáticas das escolas tradicionais e em defender ideais como escola boa para poucos do que uma escola ruim para todos, agravando ainda mais a problemática em torno de uma educação de qualidade para todos, sendo que os prejudicados, é mais uma vez a camadas populares (SAVIANI, 2008a, p. 11).

Perante as dificuldades encontradas nessa pedagogia nova, é que em 1960, começa a se preconizar a Teoria do Capital Humano. Segundo Saviani (2008),

[...] a educação passou a ser entendida como algo não meramente ornamental, um mero bem de consumo, mas como algo decisivo do ponto de vista do desenvolvimento econômico, um bem de produção, portanto (SAVIANI, 2008a, p. 19).

Em 1970, algumas críticas surgiram a essa nova teoria, denunciando o fato de que a educação estaria subordinada ao mercado e a classe dominante, e esse não era o objetivo da qual se almejavam para a educação brasileira. Diante dessas questões a teoria adquire uma nova perspectiva, onde a educação significa, portanto, a possibilidade de uma melhor posição no mercado. Nesse contexto, as pessoas passam a ver na escola uma possibilidade de ascensão social, e nessa lógica a educação é vista como produtivista e, a partir dessa instituição, que a melhoria do capital humano é possível (FRIGOTTO, 1995).

Fica evidente que essas ideologias estão fortemente impregnadas na educação brasileira, refletindo assim, negativamente em todos os processos que envolvem a educação, como: conteúdos, avaliações, metodologias, etc.

Cria-se a partir dessa visão, uma ideia romântica que a escola será a salvadora dos milhares de excluídos financeiramente, sendo assim, a possibilitadora de melhoria de vida e mobilidade social. (PENTEADO; TSUKUDA; RUIZ, 2008). Porém, é necessário considerar os diversos determinantes que influenciam a instituição escolar como: aspectos econômicos, sociais e políticos, que estão voltados para o pensamento neoliberal, que corroboram para formação do sujeito individualista. (PENTEADO; TSUKUDA; RUIZ, 2008).

É nessa mesma época que temos um maior acesso das classes populares as escolas públicas. Conforme Barretos (1988) esse acesso das camadas populares à escolarização aconteceu por volta de 1970 com a ampliação das ofertas de vagas no sistema educacional e também, devido ao aumento da escolarização de quatro para oito anos, por meio da lei federal 5692/71. Tais raízes históricas da construção da educação pública brasileira, nos possibilita dizer que o sistema atual é reflexo de uma herança, que ainda produz a “cultura do fracasso escolar”. Apesar das várias estratégias como, programas de correção de fluxo escolar, progressão automática de alunos e classes de reforço, ainda sim, a escola atualmente enfrenta e encontra dificuldades para mudar essa triste realidade produzida historicamente. Para Arroyo (2000),

A medida que vamos nos aproximando da estrutura e ossatura da escola e de nosso sistema escolar, vamos percebendo com maior nitidez como seu caráter excludente se mantém quase inalterado resistindo às reformas, inclusive as mais progressistas, porque está legitimado na cultura política e pedagógica da exclusão, da seletividade, da reprovação e retenção. Mexer nessa cultura não tem sido fácil, uma vez que ela se materializou ao longo de décadas na própria organização da sociedade, nos processos seletivos, na definição social de funções, de espaços, de direitos, nos concursos, nos critérios, preconceitos de raça, gênero, idade, classe. Materializou-se na escola, nos processos seriados, nos currículos gradeados, nas disciplinas duras ou leves, nas provas constantes, na reprovação, retenção. No sistema como um todo, na sua lógica seletiva e peneiradora. Nessa cultura social da exclusão radica a força de sua persistência, desafiando inclusive o pensamento progressista e democrático tão dominante no ideário pedagógico (ARROYO, 2000, p. 34).



Nessa mesma direção, Penteado et.al (2008) afirma que a educação não pode estar a serviço do sistema capitalista, pois seu objetivo para a educação não é uma formação integral do sujeito, mas sim, promover um ensino básico e técnico, apenas para a formação de mão de obra barata e de trabalhadores alienados e submissos, que não lutam pelos seus direitos.

Somados a todos os fatores já mencionados sobre as raízes históricas de nossa educação pública excludente e seletiva, temos hoje, segundo Freitas (2009) uma exclusão dos alunos, de forma qualitativa, pois os estudantes, tem acesso à educação, mas infelizmente, aprendem muito menos do que se espera para cada ano.

Libâneo (2012) corrobora com a explicação acerca da dualidade da escola brasileira, pois a mesma é caracterizada como uma escola de conhecimentos para a classe rica e para as camadas populares, é caracterizada como acolhimento social exclusiva para a “[...] missões sociais de assistência e apoio às crianças” (LIBÂNEO, 2012, p. 16).

Conforme Arroyo (2000),

Há problemas em nossas escolas que nos perseguem como um pesadelo. Não há como ignorá-los, nem fugir deles. Entre os pesadelos constantes está o fracasso escolar. Alguém dirá, mas está quantificado: altas porcentagens de repetentes, reprovados, defasados. O pesadelo é mais do que quantificamos. Podem cair as porcentagens, que ele nos persegue. O fracasso escolar passou a ser um fantasma, medo e obsessão pedagógica e social. Um pretexto. Uma peneira que encobre realidades mais sérias. Por ser um pesadelo nunca nos abandonou, atrapalha nossos sonhos e questiona ou derruba nossas melhores propostas reformistas. Quanto se tem escrito sobre o fracasso ou sobre o sucesso e a qualidade, seus contrapontos, e continuamos girando no mesmo lugar (ARROYO, 2000, p. 33).

Aos educandos das classes populares principalmente, não é assegurado uma educação de qualidade, devido principalmente, ao sistema capitalista vigente da qual a escola ainda, corrobora, reproduzindo o status quo, e conseqüentemente, oferece o mínimo de conhecimento para os educandos, já que é, preciso sujeitos acríticos, que possam manter a ordem, e assim, continuar sendo manipulados pelas ideologias desse sistema neoliberal. Segundo Arroyo (2002, p.13) “a cultura da exclusão está materializada na organização e na estrutura do sistema escolar. Ele está estruturado para excluir”.

Essas mesmas ideologias neoliberais, estão adentrando fortemente nas políticas educacionais, levando a privatização do ensino público, como também, influenciando nas políticas públicas futuras para educação.

### **3.1 O papel da escola e da educação**

Pensar no fracasso escolar sem refletir sobre o papel da escola e da educação é impossível, pois é preciso compreender esse fenômeno educacional, para assim, poder intervir com possíveis estratégias e soluções. Saviani (2008b) ao definir a educação, nos diz que:

[...] é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens". (SAVIANI,2008b, p. 8)

Segundo este mesmo autor, a educação serve para apresentar aos homens valores, costumes, símbolos etc. Ainda conforme Sirino (2009) a educação deve propiciar sempre o sucesso escolar de todos os estudantes, proporcionado conhecimentos, atitudes e valores para que os sujeitos possam ter condições de exercerem com autonomia, uma maior participação política, social e cultural.

Levando em consideração que essa educação precisa ser democrática e possibilitar a emancipação dos indivíduos para a construção de uma sociedade justa e humanizada.

Portanto é função da escola ensinar os saberes historicamente acumulados pela a humanidade e propiciar também, diversas aprendizagens. Para Nébias (1990),

[...] quando a escola assume a sua função social de manter nela toda a população em idade escolar e de estar comprometida com a sua qualidade, oferecendo um conteúdo que responda às necessidades e às expectativas dessa mesma população e sendo instrumento de sua inserção social. A escola deve possibilitar a aquisição das condições necessárias ao pleno exercício dos direitos de cidadania e trabalho e a avaliação e transformação do seu mundo social (NÉBIAS, 1990, p.12).

Ademais, a função de humanizar e contribuir para uma formação plena de todos os estudantes, é papel essencial da escola e nesse sentido, concordo com Costa (2010) quando diz que,

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes e valores) que, aliás, deve acontecer de maneira contextualizada desenvolvendo nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem (Costa, 2010, p.73).

Ainda sobre o papel da escola Gadotti (1996) nos ajuda a entender um pouco mais dessa função escolar na transformação da sociedade.

[...] a humanização é o caminho pelo qual os homens e as mulheres podem chegar a ser conscientes de si mesmos, de sua forma de atuar e de pensar, quando desenvolverem todas as suas capacidades, pensando não somente em si mesmos, mas de acordo com as necessidades dos demais (GADOTTI, 1996, p.722).

Apesar do importante papel social da escola, sabemos que ainda não temos garantido dentro das escolas, plenamente essa função social de humanização, democratização, relações dialógicas de parceria e de mútuo respeito, qualidade nas aprendizagens, entre outras questões que interferem no desenvolvimento dos educandos. Freire (2015) fala dessa importância dialógica, como um método que liberta todos do silêncio, dando direito a todos, para que possam expressar suas opiniões. Além do mais, Freire (2015) ainda corrobora, com a importância de uma educação que seja libertária, pois assim, permite que os educandos se sintam sujeitos de seu pensar. Todavia de modo contrário a isso, segundo este mesmo autor, a relação entre professor-aluno, onde apenas os educadores detêm o conhecimento e onde não se tem diálogo e trocas de saberes entre ambos, segundo Freire (2015), esses saberes transmitidos pelos educadores acaba se tornando, puras narrações desconexas da realidade do aluno, conduzindo assim, os educandos a memorização desses conhecimentos, o que tornam os alunos “vasilhas” a serem cheias pelo educador. É neste sentido, que Freire (2015) diz que a educação se torna bancária, pois quanto mais os recipientes recebem depósitos do educador (depositante) mais excelentes estes alunos (depositários) serão, inferindo numa educação em que os educandos, recebem, guardam e arquivam esses conteúdos, sem realmente entendê-los. Não existe “saber”, mais somente a reprodução da sociedade opressora prevalecendo a cultura do silêncio.

Para Kolb (2010) a escola, é um espaço de acolhimento, de partilhas de histórias, de afeto. No entanto, vemos que na prática existente atualmente, a escola está muito mais focada, na transmissão de certos “saberes” apenas, desconsiderando todo esse processo humanizador, da qual ela deve propiciar aos estudantes.

Por conseguinte, podemos a partir desses teóricos, Nébias (1990), Gadotti (1996), Saviani (2008b), Sirino (2009), Costa (2010), Kolb (2010) e Freire (2015) afirmar que esse é o papel da escola, de humanizar os sujeitos e transmitir os conhecimentos acumulados historicamente.

Levando em consideração, que a escola reflete o sistema capitalista, seria contraditório culpabilizar o aluno, sua família ou os professores, pois sabemos que o fracasso escolar é produzido socialmente e historicamente, portanto, é preciso investigar como ele se reproduz na conjuntura atual. Como já visto, o sistema de ensino brasileiro é excludente e seletivo, e por não incluir a todos no processo de ensino e aprendizagem, é um desafio hoje, para as escolas públicas brasileiras promover uma educação que leve em consideração a diversidade dos alunos e alunas das quais, sabemos, que são sujeitos singulares que trazem consigo histórias de vidas diferentes e que a escola precisa respeitar e possibilitar a esses educandos o direito de uma formação individual que conclua para sua humanização, todavia a luta para que a escola exerça seu papel humanizador e de sucesso escolar para os educandos é de todos, governo e coletividade.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão analisados e discutidos os estudos bibliográficos nacionais encontrados nos últimos cinco anos, sobre as causas do fracasso nas camadas populares. Os artigos selecionados para compor esta pesquisa, foram retirados da base de dados do Scientific Eletrctronic Library Online (SciELO).

Na realização do levantamento bibliográfico foram encontrados no total 25 trabalhos, nos últimos cinco anos, de 2013 a 2017, utilizando as palavras-chave, fracasso escolar, classes populares e insucesso. Após a leitura e fichamentos feitos cuidadosamente, permaneceram apenas 5 artigos que se relacionam com o tema dessa pesquisa. Portanto, para análises dos artigos e discussão dos resultados, optou-se por apresentá-los de forma cronológica para uma melhor compreensão evolutiva das pesquisas relacionadas as causas do fracasso escolar na camada populares.

Osti e Brenelli (2013) buscando verificar quais são as percepções de estudantes com dificuldades de aprendizagem sobre si mesmo e quais são suas representações em relação aos juízos que seus professores teriam deles. Realizaram uma pesquisa com 20 alunos do Ensino Fundamental com insuficiente desempenho acadêmico, de ambos o sexo, com idade entre 10 e 14 anos, que estavam regularmente matriculados numa escola pública municipal do interior do Estado de São Paulo. O instrumento utilizado para a pesquisa foi a entrevista semiestruturada contendo dez questões.

Em relação aos resultados, o estudo evidenciou que a maior parte dos estudantes acreditam serem percebidos pelos seus professores como mau aluno, bem como, os professores têm uma representação negativa sobre eles, tanto sobre o desempenho e progresso escolar. Portanto, o estudo possibilitou inferir sobre a importância das relações sociais dentro da escola e como essas relações influenciam na forma como o aluno percebe a si mesmo, e como acredita que será seu percurso escolar, seja de sucesso ou fracasso, a partir de como é estabelecida essas relações em sala de aula pelos educadores.

O trabalho de Garcia e Boruchovitch (2014) objetivou analisar as atribuições de causalidades para o sucesso e para o fracasso escolar e a resiliência dos estudantes do ensino fundamental e as possíveis relações entre essas variáveis.

Participaram da pesquisa 275 alunos do o 5º ao 9º ano, de ambos os sexos, de uma escola pública de uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais. O instrumento utilizado no estudo foram duas escalas: a) Escala de Avaliação das Atribuições de Causalidade para Sucesso e Fracasso Escola (avalia as causas do desempenho escolar dos estudantes), b) Escala de Resiliência para Crianças e Adolescentes – ERCA (mede os atribuídos pessoais para a resiliência). Os dados foram analisados através dos procedimentos da estatística descritiva e inferencial, que se utiliza de cálculos de média, desvio-padrão e valores máximo e mínimo obtidos nas pontuações dos instrumentos.

Os resultados revelam que os estudantes do ensino fundamental atribuíram as principais causas responsáveis pelo sucesso ou pelo fracasso escolar são advindas de ordem internas e controláveis. Esse dado evidencia que os alunos tendem a se responsabilizarem tanto pelo bom, como pelo mau êxodo escolar, além do que, este mesmo dados sugerem que atribuir as causas do sucesso e fracasso escolar a fatores internos e controláveis possibilita ao aluno maior controle e maiores características de resiliência.

Para as autoras a atribuição causal impacta diretamente na motivação para aprender, todavia a resiliência ajuda o indivíduo a superar as dificuldades encontradas no campo social e educacional e por isso, é preciso que haja uma maior reflexão de educadores, psicólogos, psicopedagogos sobre as causas do desempenho escolar para que possam estimularem os educandos no desenvolvimento de resiliências para superação das adversidades e assim, favorecendo uma aprendizagem de qualidade.

O estudo de Leonardo et al (2015), verificou as perspectivas teóricas e concepções presentes nos artigos científicos, sobre queixa escolar/fracasso escolar. Foram utilizados os indexadores nacionais e internacionais. No total foram encontrados 77 artigos publicados entre 1996 e 2009, da qual os autores, estruturam em cinco eixos, sendo estes: 1) queixa/fracasso escolar centrada no indivíduo; 2) queixa/fracasso escolar como questão institucional; 3) queixa/fracasso escolar relacionada à formação profissional; e 4) queixa/fracasso escolar não centrada no indivíduo. A análise dos estudos foi fundamentada no referencial da teoria Psicologia Histórico-Cultural, que compreende o homem como um ser social, constituído a partir das relações sociais.

Os resultados encontrados nesse estudo evidenciam que a maioria das produções científicas analisadas, a categoria que mais prevaleceu, com 67%, são as concepções centradas no indivíduo, seja aluno, família e professores, das quais, os mesmos, são culpabilizados, pelos problemas de escolarização. Em relação as outras categorias, temos: à questão institucional (9%), relacionadas à formação profissional (5%) e não centradas no indivíduo (19%). A perspectiva teórica, encontrada nos estudos analisados, evidenciou que a grande maioria dos artigos (65%) apresentam uma abordagem não crítica e apenas 31,1% numa abordagem crítica, evidenciando assim, um viés muito reducionista e neutralizante em relação a queixa/fracasso escolar.

Portanto, os autores entendem-se que as produções científicas devam contribuir para desnaturalizar e descentrar a culpa pela não aprendizagem e insucesso no indivíduo, sem deixar de discutir e levar em consideração, o contexto histórico socialmente vivido.

Com intuito de entender quais são as motivações para o fracasso escolar na perspectiva da infrequência, reprovação e abandono no primeiro ano do Ensino Médio e as possibilidades de revertê-lo, Franceschini, Ribeiro e Gomes (2017) realizaram um estudo qualitativo, utilizando a técnica de análise de Grupos Focais com estudantes (15 a 19 anos) e entrevistas semiestruturadas com coordenadores (as) em três escolas da Rede Estadual de Ribeirão das Neves, em 2014. Para a análise das informações coletadas, os autores aplicaram a técnica de Análise de Conteúdo, que permite extrair sentido dos textos através das unidades de análises.

Os resultados revelaram de modo geral que os motivos para a infrequência, a reprovação e o abandono escolar relatados pelos estudantes e coordenadores são: o trabalho, as questões familiares, como (falta de acompanhamento escolar por parte das famílias, necessidade de cuidar de irmãos, maridos e filhos), não ter dinheiro para o transporte escolar, a violência escolar e não escolar, a falta de interesse nas aulas, os professores ruins, o uso de drogas, as más companhias, o bullying e ter tido reprovação anterior. Já nas possíveis ações que possibilitariam reverter ou até diminuir o fracasso escolar, estudantes e coordenadores apontaram maior investimento do Estado em infraestrutura nas escolas, melhora nos salários de professores e programas de incentivo à permanência na escola. Em relação as ações da escola, família e do próprio aluno enfatizaram: professores mais bem-preparados e motivados, novas práticas de ensino e uma diretoria que realmente

escutasse as queixas escolares; acompanhamento e participação das famílias na vida escolar dos estudantes; e mais atenção e dedicação em sala de aula dos alunos e alunas. Conclui-se que todos os apontamentos ditos por estudantes e coordenadores revelam que esses problemas podem ser tornar a porta de saída do alunado do Ensino Médio.

Já a pesquisa de Carvalho e Ramos (2017) teve como objetivo investigar se o pertencimento familiar a determinado grupo religioso favorecia o sucesso ou fracasso escolar entendido como defasagem idade-série. Os instrumentos utilizados foram: a) fichas cadastrais de alunos do Ensino Fundamental na rede municipal do Rio de Janeiro, preenchidas por seus responsáveis no ato da matrícula na rede em 2011, b) modelo de regressão logística para verificar até que ponto o pertencimento a determinado grupo religioso influencia na defasagem do aluno.

A partir disso, os resultados demonstraram que aqueles que se declaram evangélicos, o percentual de alunos defasados é menor, com 82,8% dos casos. Enquanto que os alunos das quais os responsáveis se declararam católicos a chance de o aluno estar defasado aumenta em 22,2%, em relação àqueles que se declararam evangélicos. Já as famílias que declararam pertencimento as outras denominações religiosas, obtiveram 16,6% de chance de o aluno estar defasado em comparação com as famílias que se declararam evangélicas. Os responsáveis dos alunos que se declararam sem religião, obtiveram 11,5% de chance de estarem defasados em relação aos oriundos de famílias que se declaram evangélicas.

Portanto os dados revelam que há de considerar o pertencimento religioso com uma variável que influencia na construção do sucesso escolar e que deve ser articulada com outras variáveis como- arranjo familiar, nível socioeconômico, cor/raça, sexo, para uma maior reflexão sobre a escolarização de crianças e jovens das camadas mais pobres, para assim, compreendermos que essas variáveis estão associadas positivamente à trajetória escolar dos alunos.

A partir dos estudos expostos, podemos realizar breves conclusões acerca dos resultados encontrados. Cabe antes ressaltar, que dos 5 artigos analisados, os mesmos, abordavam apenas os educandos do Ensino Fundamental ou o Médio, sendo que não foram encontrados trabalhos que envolvessem alunos da Educação Infantil. Além do que, poucos artigos sobre as causas para o fracasso escolar foram encontrados no período proposto nessa pesquisa, o que evidencia uma carência de estudos na literatura nacional que versa sobre essa temática.



Por meio dos resultados encontrados, nota-se que se olharmos de forma cronológica, o estudo de Osti e Brenelli (2013) nos mostra implicitamente uma das causas que podem levar os alunos das camadas populares ao fracasso escolar, que no caso, seria as representações das quais os educadores fazem em relação aos educandos, que pode possibilitar o sucesso ou fracasso no contexto escolar do alunado. Portanto, através desse estudo, podemos inferir que os professores têm uma responsabilidade em garantir ou não o sucesso de seus alunos. Esse resultado vai de encontro com a pesquisa de Patto (1990) em que os professores normalmente, almejam encontrar em sala de aula um aluno “ideal” sem dificuldades, sadios e homogêneos.

O próximo estudo o de Garcia e Boruchovitch (2014) nos permitir inferir que as causas que são atribuídas para o fracasso escolar na visão dos educandos, estão associadas as causas individuais, como falta de esforço etc, ou seja, o aluno é o responsável pelo o seu fracasso, como também, cabe a ele a partir do incentivo professor, tentar superar as suas dificuldades. Podemos evidenciar mais uma vez, a responsabilização do educador e do aluno frente ao fracasso escolar.

Na pesquisa de Leonardo et al (2015), podemos destacar mais uma vez a culpabilização para as causas do fracasso escolar centradas nos indivíduos, sejam eles: alunos, professores ou familiares. Sendo que as causas para o fracasso escolar, abordadas nos artigos por este estudo analisados, centravam-se em problemas de aprendizagens gerados por práticas ineficazes de professores, famílias desestruturadas, alunos desinteressados entre outros motivos. Além disso, podemos destacar que a abordagem utilizada para análise do fracasso escolar, dos estudos analisados eram não críticas, conferindo aos indivíduos a responsabilização pelo insucesso, o que se pode então inferir é que as causas para o fracasso escolar, estão sendo compreendidas de forma descontextualizadas, numa perspectiva a-histórica.

Em 2017 foram publicados dois estudos em relação ao tema fracasso escolar, portanto, podemos destacar um relativo aumento da quantidade de estudos nessa área, pois se obteve duas publicações para o mesmo ano, enquanto que nos outros anos (2013, 2014, 2015) houve apenas uma publicação.

Através do trabalho de Franceschini, Ribeiro e Gomes (2017), foi possível verificar que as causas para o fracasso escolar, mencionadas pelos estudantes e coordenadores, estão atreladas principalmente as questões familiares, individuais,

sociais e políticas. Contudo, é possível evidenciar nesse estudo uma co-responsabilização dessas causas, provenientes não apenas do aluno, mas da sociedade em geral. Já o estudo de Carvalho e Ramos (2017) apesar de não enfatizar as causas para o fracasso escolar, implicitamente, podemos visualizar que pertencer a determinada religião favorece o sucesso escolar, ou seja, a causa atribuída para o fracasso escolar está em pertencer ou não a alguma religião. Nesse estudo, verificou-se que pertencer a religião evangélica a uma maior possibilidade de sucesso escolar.

Diante do exposto, fica evidente que existem múltiplos fatores para explicar as causas do fracasso escolar das camadas populares, todavia é preciso mais estudos na área, pois como uma problemática presente no sistema educativo atual, necessita de maiores investigações que abordem o contexto histórico, social e político, tão importante para se pensar em possíveis soluções para esse fenômeno educacional assombroso.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi compreender o que leva as crianças pobres ao fracasso escolar por meio da análise dos artigos publicados na literatura nacional nos últimos cinco anos. De modo geral observou-se através dos artigos que as causas para o fracasso escolar se configuram em multifatorialidade, todavia ainda sim, esses fatores que corroboram para o fracasso dos estudantes, centram-se, na responsabilização dos indivíduos, o que impede maiores possibilidades para ser pensar em soluções e estratégias possíveis para reverter essa realidade e contribuir para o sucesso escolar. Foi possível também notar que nesses últimos cinco anos poucas pesquisas foram encontradas na base da Scielo, relacionada a temática estudada. Além do que, dos artigos analisados, nenhum deles abordou, as causas do fracasso escolar, na educação Infantil, sendo que a mesma, é a base para os próximos anos de escolarização.

Constatou-se também, em um dos artigos que a co-responsabilização pelas causas atribuídas ao fracasso escolar não ficaram limitadas aos sujeitos, mas colocou em evidencia, a perspectiva de que a culpabilização não é voltada para o indivíduo que não aprendeu ou abandonou a escola, conferindo assim, a partilha da responsabilidade a todos os envolvidos por uma educação de qualidade e universal, ou seja, a sociedade em geral, entendida como governo, pais, professores, alunos etc. Um dado inédito abordado por um dos artigos traz a religião como possibilitadora de sucesso escolar, sendo que, conforme os resultados da pesquisa, pertencer a religião evangélica favorece ainda mais este sucesso. Portanto, mais estudos sobre religião e sucesso escolar precisam ser investigados para compreender os reais motivos que levam o sucesso do alunado se pertencer a determinada religião.

Como pode-se verificar, não se pode pensar o fracasso escolar, dissociado do contexto social, histórico e político. Além do que, é preciso refletir em relação ao sistema de ensino que conforme analisado na terceira seção dessa pesquisa, mostrou-se desde o início, voltado para atender a classe social dominante, tornando-se excludente e seletivo para as camadas populares que estão aquém do que a escola espera.

É preciso destacar também o papel da escola e da educação, partindo do viés que a educação exerce a função de formar sujeitos humanizados, críticos, participativos que lute por uma sociedade justa e igualitária, já não se pôde, em seu interior inviabilizar tal proposta, sendo antidemocrática e reprodutora do sistema capitalista, pois de tal forma, não cumprirá com seu real objetivo formativo, libertário e democrático. Por isso, a luta por uma educação de qualidade, humanizada e universal que conclua para o sucesso dos educandos, deve envolver a sociedade em geral.

Todavia apesar do trabalho ter pretendido contribuir para futuras pesquisas sobre fracasso escolar, devido aos poucos trabalhos encontrados, a análise ficou limitada e por isso, espera-se, que mais estudos possam ser realizados em relação as causas do fracasso escolar das classes populares, para melhor compreender os multifatores que levam os estudantes ao insucesso escolar, que tanto assombram educadores, quanto governo e coletividade.

Deste modo podemos compreender que o fracasso escolar por ser construído socialmente e historicamente, não se pode ser analisado descontextualizado da sociedade da qual está inserido, por isso, para além de entender as causas, é preciso que as mesmas, sejam verificadas e explicadas a luz da conjuntura econômica, social e política vivenciada atualmente.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. **Fracasso/sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos**. Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 7, p.34-40, jan. 2000. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2100/2069>>. Acesso em: 20 nov.2017.
- ARROYO, M.G. **Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica**. In: ABRAMOWICZ, Anete e MOLL, Jaqueline. Para além do fracasso escolar. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- BARRETO, E. S. S. **Professores de periferia: soluções simples para problemas complexos**. In: PATTO, M. H. S. (Org.). Introdução à psicologia escolar. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- BERTAGNA, R. H. **Progressão continuada: limites e possibilidades**. 2003. 480 p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000297487>>. Acesso em: 20 nov.2017.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Constituição (1998). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 2005. Disponível em:<<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2100/2069>>. Acesso em: 18 nov.2017.
- BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**. Censo Escolar, 2016. Brasília, 2017. Disponível em:<[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2017/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_da\\_educacao\\_basica\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf)>. Acesso em: 20 mar.2018.
- BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**. Censo Escolar, 2017. Brasília, 2018. Disponível em:<<http://portal.inep.gov.br/web/guest/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 15 set.2018.
- BRASIL. **Lei Federal nº 8.069/90**.Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 18 nov.2017.
- BRASIL. Lei nº 9.394. **Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em:<<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2100/2069>>. Acesso em: 10 nov.2017.
- BOSSA, N A. **Fracasso Escolar, um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: ARTMED EDITORA S.A, 2002.

CARVALHO, C.P de.; RAMOS, M.E.N. Religião e sucesso escolar na rede municipal do rio de janeiro. **Educ. rev**, Belo Horizonte, v.33, set.2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712013000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712013000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 abr. 2018.

CASTRO, M.L.G de. O olhar psicopedagógico na instituição educacional: o psicopedagogo como agente de inclusão social. **Revista Psicopedagogia**, v. 21, n. 65, p. 108-116, 2004.

COLLARES, C. A. L.; MOYSES, M. A. **Preconceitos no cotidiano escolar, ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez, 1996.

COLLARES, C.A.L. **Influência da merenda escolar no rendimento em alfabetização: um estudo experimental**. Tese (Doutorado em Educação). Escola Pós-Graduada de Ciência Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1989.

COSTA, V. L. P. **Função social da escola**, 2010. Disponível em: <[www.drearaguaina.com.br/projetos/funcao\\_social\\_escola.pdf](http://www.drearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf)>. Acesso em: 15 jun.2018.

CUNHA, M.B da. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2001. Disponível em: Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602012000200014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000200014)>. Acesso em: 25 nov. 2017.

FERREIRA, A. B.H de. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Forgiarini, S. A. B; Silva, J. C. da. **Fracasso escolar no contexto da escola pública: entre mitos e realidades**. Secretaria de Educação do Paraná. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/369-4.pdf>>. Acesso em: 20 mar.2018.

FRANCESCHINI, V, L.C.; RIBEIRO, P.M.; GOMES, M.M.F. Porta de entrada ou porta de saída? Fracasso escolar no ensino médio segundo estudantes e coordenadores (as) de escolas em ribeirão das neves, mg. **Educ. rev**, Belo Horizonte, v.33, set.2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712013000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712013000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 abr. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, L. C. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 80, p. 299-325, set.2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

FREITAS, L.C. de. **Ciclo ou séries? O que muda quando se altera a forma de organizar os tempos-espacos da escola?** In: 27ª Reunião Anual da ANPEd, MG, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.

GARCIA, N.R.; BORUCHOVITCH.E. Atribuições de causalidade para o desempenho escolar e resiliência em estudantes. **Psico-USF**, Itatiba, v.19, n. 2, mar.2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712013000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712013000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 abr. 2018.

GADOTTI, M. **Paulo Freire: uma biobibliográfica**. São Paulo: Cortez, 1996.

GATTI, B. A.; SILVA, T. R. N.; ESPOSITO, Y. L. Alfabetização e educação básica no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 75, p. 7-14, nov. 1990.

GIL, A. C. **Como delinear uma pesquisa bibliográfica?** In: GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 59-86.

Gil, A. C. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2009.

KOLB, B.R. Segredos do coração: A escola como espaço para o olhar sensível. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 30, n. 80, p. 72-83, jan-abr. 2010.

LEONARDO, N.S.T.; LEAL, Z.F.R de. A naturalização das queixas escolares em períodos científicos: contribuições da psicologia histórico-cultural. **Psicol. Esc. Educ**, Maringá, v.19 n.1, jan.2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141382712013000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712013000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 13 abr. 2018.

LIBÂNIO, J. C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educ.Pesqui.**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022012000100002&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022012000100002&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em: 20 jun. 2017.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>>.

MARTINELLI, S. C; SISTO, F.F. **Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. SP: Vetor, 2006. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v8n1/v8n1a15.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2018.

MATTOS, S.M.N. Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares. **Educ. rev.** n.44 Curitiba, 2012. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/er/n44/n44a14.pdf>>. Acesso em: 10 nov.2017.

MELLO, G, N de. Com a palavra. **Nova Escola**, São Paulo: n°.186, p.70, out, 2005.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEBIAS, C.M. **O ciclo básico e a democratização do ensino: do discurso proclamado às representações**. Tese (Doutorado). ECAUSP, São Paulo, 1990.

NUTTI, J.Z. A. Políticas públicas: superando o atraso - Redes e escolas adaptam o currículo e o ensino para alunos em defasagem. **Rev. Nova Escola**, mai, 2009.

Disponível em: Disponível em:

<<https://novaescola.org.br/conteudo/2977/superando-o-atraso>>. Acesso em: em: 30 nov. 2017.

OSTI, A. **Formação de professores alfabetizadores**. In: PARENTE, C. da M. D.; VALLE, L. E. L. R. do; MATTOS, M. J. V. M. de (Org.). A formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 85-97.

OSTI, A. **Representações de alunos e professores sobre ensino e aprendizagem**. 2010. (Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251652>>. Acesso em: 20 nov.2017.

OSTI, A.; BRENELLI, R. P. Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem. **Psico-USF**, Itatiba, v.18, n. 3, p. 417- 426, dez. 2013. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712013000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712013000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 abr. 2018.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. SP: T. A. Queiroz, 1990.

PENTEADO; TSUKUDA; RUIZ. **Os Reflexos do Sistema Capitalista no âmbito escolar**. In: VI Seminário do Trabalho: trabalho, economia e educação no século XXI, 2008, Marília. VI Seminário do Trabalho. Marília: UNESP, 2008. Disponível em:<<http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/flaviareispenteadojulietsukudaemariajoseruiz.pdf>>.Acesso em: 20 de nov. 2017.

PINTO, J.L.**A problemática da evasão escolar na escola pública: a quem compete?**.2014. 44 f. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação a distância – Universidade Estadual da Paraíba, Itaporanga, 2014.Disponível em:<<dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/.../PDF%20-%20Joaquim%20Lopes%20Pinto.pdf>>. Acesso em: 18.jul.2018.

RIBEIRO, M. L. S. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. Campinas: Autores Associados, 2007.

ROMANELLI, O. O de. **História da Educação do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 40 ed. Campinas: Autores Associados, 2008a.



SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 10 ed. Revisada. Campinas: Autores Associados, 2008b.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 3ª ed. Revista. Campinas: Autores Associados, 2010.

SIRINO, M. D de. **Processos de exclusão intra-escolar: os alunos que passam sem saber**. 2009. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <[repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251650/1/Sirino\\_MarisadeFatima\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251650/1/Sirino_MarisadeFatima_D.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2018

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância. **O enfrentamento da exclusão escolar no Brasil**. Brasília, DF: UNICEF, 2014. Disponível em: <[http://www.foradaescolanaopode.org.br/downloads/Livro\\_O\\_Enfrentamento\\_da\\_Exclusao\\_Escolar\\_no\\_Brasil.pdf](http://www.foradaescolanaopode.org.br/downloads/Livro_O_Enfrentamento_da_Exclusao_Escolar_no_Brasil.pdf)>. Acesso em: 7 nov. 2017.